



Severino e Ana Cláudia são primos e têm quatro filhos: um costume comum entre os moradores da "Capoeira". Ao lado foto dos "Negros do Rosário" no Seridó

Os últimos quilombos ainda vivem

ALEXANDRE MULATINHO

Resultantes de um processo de resistência ao regime de escravatura que existiu no Brasil do descobrimento até o ano de 1888, as comunidades negras surgiram como forma de preservar a sua identidade. A mais famosa comunidade é Quilombo dos Palmares que foi instalado no Estado de Alagoas, liderada por Zumbi. Atualmente, 106 anos depois da libertação dos escravos muitos negros ainda vivem em resquícios de quilombos. "Negros do Rosário" em Caicó, "Boa Vista", em Parelhas, "Riacho", em Currais Novos, "Capoeiras", entre Macaíba e "Bom Jesus e Pegas" em Portalegre, são algumas das comunidades que ainda resistem no Rio Grande do Norte.

No final do século XIX o negro libertado viveu um processo de desproteção econômica e social. Jogado na sociedade ele ficou marginalizado. Com isso, segundo o mestre e professor de Antropologia da UFRN, Luiz Assunção, foram aparecendo as comunidades negras como um processo de auto-afirmação de raça. Essas comunidades somente são caracterizadas por membros que partilham da mesma identidade com a etnia negra e são reconhecidos como tal.

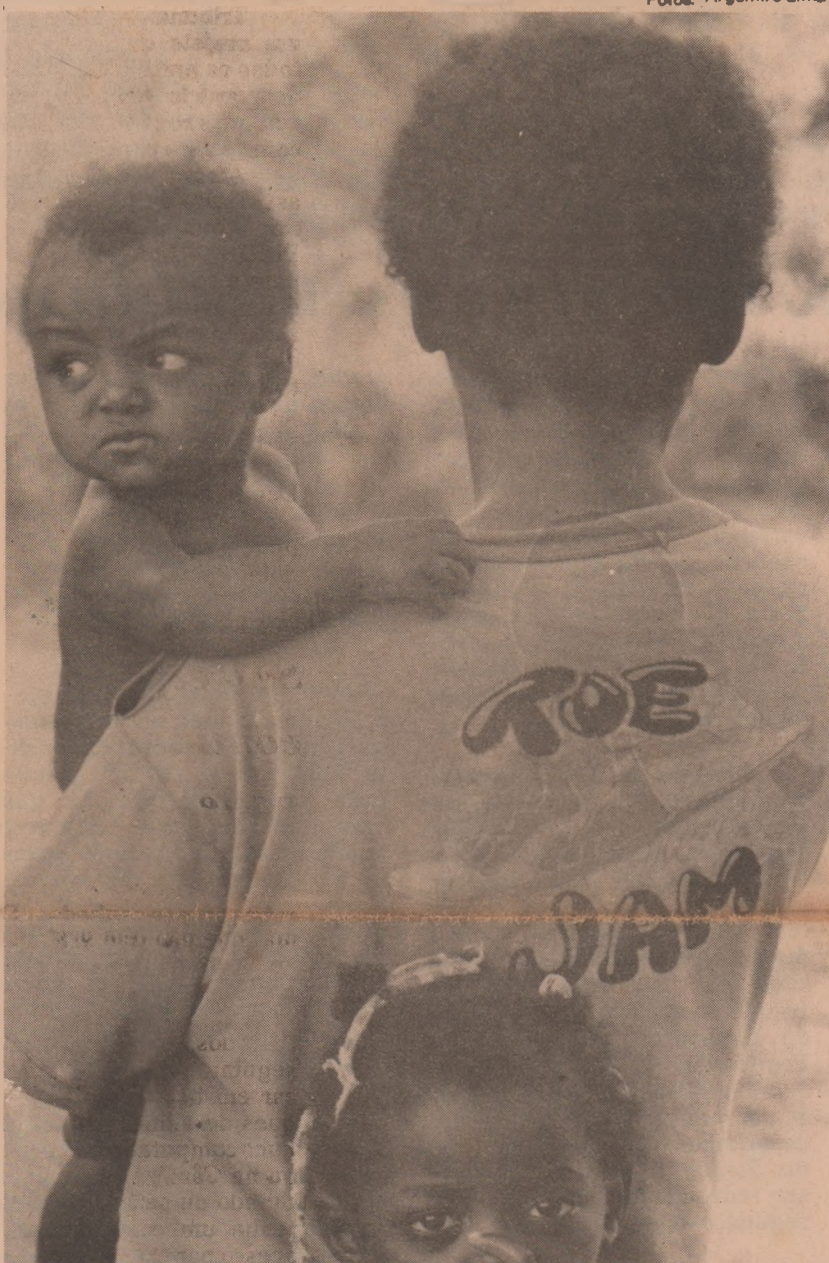
Pesquisador de comunidades negras no Estado, onde desenvolveu um trabalho com os "Negros do Riacho", em Currais Novos, o professor Luiz Assunção relatou que geralmente essa comunidade vivem de pequenas plantações agrícolas, trabalho alugado e fabricação de cerâmica utilitária.

Geralmente eles se casam entre si ou com pessoas de mesma cor. "Para preservar a identidade da raça", acrescenta o antropólogo. A terra onde moram são área de posse ocupada no início por um escravo fugitivo ou alforriado que formava um quilombo. A terra pertence a todos da comunidade mas o uso é individual com cada família tendo a sua plantação.

Para resolver conflitos internos existem nas comunidades, geralmente, a pessoa mais velha, um líder que é considerado, respeitado e bastante procurado para resolver problemas. Segundo Luiz Assunção, quando alguém da comunidade do Riacho se envolve em problemas externos à comunidade, sempre é o líder que é procurado para dá a solução.

Existência — De acordo com o antropólogo, há uma tendência dessas comunidades de desaparecerem. "A medida em que elas vão tendo contato com outras comunidades de outra formação racial e cultural, ficam vulneráveis a transformações e que podem levar a perda da identidade", explica, salientando que a comunidade de Sibaúma, em Tibau do Sul, já perdeu as principais características de comunidade negra.

Atualmente, a Ordem Terceira Franciscana trabalha junto à comunidade dos "Negros do Riacho" realizando perfuração de poços, construindo casas, e, orientando um modelo de fé cristã. Hoje, o assistente regional da Ordem Franciscana Secular do RN e PB, frei Fernando Schinmitker, vai inaugurar as 27 casas construídas recentemente com doação de 27 famílias da Alemanha. Os executores da obra foram o padre Welson Rodrigues e Francélio Bezerra.



Documentário vai tentar preservar cultura negra do RN

Cultura negra intacta

Sem os exageros propostos pela Irmandade de Negros protagonizada na novela "Fera Ferida", da Rede Globo aqui no Rio Grande do Norte existem algumas comunidades que ainda preservam suas características e sua raça com os integrantes casando-se entre si. Um bom exemplo é o distrito de Capoeiras, a pouco mais de 50 quilômetros do Centro de Natal, no município de Macaíba. Um local isolado, onde cerca de 200 negros descendentes de uma linhagem de escravos africanos sobrevivem da cultura de subsistência.

Em princípio, são arredios. Não gostam de muita conversa e não querem "intrusos" em seu território. A ingenuidade da personagem Clara dos Anjos da novela "Fera Ferida", é substituída pela desconfiança usada como escudo de proteção. Ninguém se identifica e muito menos indica facilmente onde encontrar determinado morador.

Ao contrário de outras localidades, as crianças não se aproximam do carro forasteiro que acaba de chegar. Acenam sem a menor intenção de contato do visitante, saem correndo por entre os barrancos.

Todos evitam tocar no assunto do passado da comunidade. "O que eu vou ganhar com isso", rebateu uma senhora com seus 60 anos que de forma alguma disse o nome. Mas indicou dona Caquica. "Essa sabe toda a história de Capoeiras".

Dona Caquica tem 90 anos, mora numa casa de dois vãos e exerce uma forte liderança entre os demais. Só ela fala sobre a comunidade e quando quer ou quando lhe presenteiam com uma garrafa de cachaca. Aliás, o hábito de beber compulsivamente é comum na comunidade. "Não se tem outra coisa que fazer senão beber cana", atesta dona Caquica.

A líder dos Capoeiras não quer conversa. Se nega a ofere-

cer qualquer informação sobre a comunidade. "Sem cana não dá". Depois de muito reclamar e negar qualquer tipo de diálogo, dona Caquica inicia um breve histórico.

— Aqui começou com meu avô, Luiz Garcia, esse era homem de verdade, que aos poucos foi juntando gente e hoje tem isso aqui — contou dona Caquica, que segundo um de seus 22 filhos, Francisco Luís, chama-se Francisca Joana dos Santos, nascida em janeiro de 1904.

Dia-a-Dia — Ela é uma negra que já não tem a mesma agilidade dos filhos que lidam na agricultura logo nas primeiras horas da manhã e só param no final da tarde. Caquica passa o tempo numa rede e já não tem a visão perfeita.

Aos poucos, os integrantes da comunidade vão perdendo o receio e começam a conversar. Relatam que já não costumam fazer peças de artesanato em palha e barro. "Minha mãe fazia, mas não aprendi a fazer porque não dava dinheiro", justificou, sem revelar seu nome, uma senhora com aparência de seus 35 anos. Entre as tradições do grupo está a de rezar o terço numa cruz azul fincada na propriedade de dona Caquica (que na realidade pertence a todos por ser um terreno de posse). Segundo os moradores de "Capoeiras", a cruz foi fincada por padre João Maria durante a celebração de uma missa. A religião da maioria é a católica.

Embora sejam pouco comunicativos, os negros de "Capoeiras" se integram normalmente à comunidade de Bom Jesus e Macaíba. As crianças frequentam os colégios públicos e para fazer compras na feira, utilizam o carro de boi. Este é o único meio de transporte na comunidade que ainda dispõe de luz elétrica, água num chafariz e um posto telefônico.

Casamento entre parentes resiste

às convenções

Severino tem 24 anos e Ana Cláudia tem 26, são primos, marido e mulher ao mesmo tempo. Quatro filhos compõem a família. O casamento entre parentes na comunidade de "Capoeiras" não é coisa de outro mundo. Esse é um fato que não traz qualquer constrangimento entre eles. Segundo Severino, que tem a tia como sua sogra, dois sobrinhos seus estão para se casar.

Essa é uma opção que as comunidades negras têm como forma de preservar a raça. No entanto, em "Capoeiras", não existe uma imposição por parte de qualquer pessoa para que o casamento se dê somente com os integrantes do grupo. Tanto é assim que já há sinais entre a comunidade, de pessoas de pele mais clara e com cabelos castanhos.

"Aqui tudo é uma família só. Primo casa com primo; sobrinha com tio e fica tudo em casa", relata a negra falante de quase 40 anos que não se identifica.

A união entre parentes, segundo o médico ginecologista, Iapery Araújo, presidente da Fundação José Augusto, (FJA), já provocou anomalias congênitas nos filhos dessas pessoas. Ele cita casos de comunidades negras no Seridó do Rio Grande do Norte, onde o índice de debilidade mental e de hermafroditas é bastante superior ao de outras comunidades que não têm este tipo de junção. "O casamento entre parentes pode causar as chamadas taras genéticas, que são as anomalias congênitas", explicou.

Preservando a cultura

Documentário manterá viva a tradição

Para registrar como vivem as comunidades negras no Rio Grande do Norte, antes que essas deixem de existir, a Fundação José Augusto, em convênio com a Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, fará um documentário em vídeo relatando como estão os cerca de 10 grupos negros que habitam o Estado.

O projeto não consiste de um estudo científico das comunidades. Segundo o presidente da FJA, Iapery Araújo, a idéia é simplesmente fazer um retrato de como as coisas estão acontecendo na atualidade em cada umas das comunidades. "Não haverá preocupação em saber a origem de cada, num levantamento minucioso e coisas deste tipo. É um documentário que irá guardar para a posteridade como viviam esses grupos antes da perda de sua identidade. Como já vem acontecendo em algumas delas", acrescenta.

Entre as comunidades envolvidas no projeto estão "Capoeiras" (Macaíba), "Sibaúma" (Tibau do Sul), "Negros do Riacho" (Currais Novos) entre outras comunidades de Caicó, São Vicente, Caraúbas e Baía da Traição.

O interesse da Fundação Palmares pelo programa se dá porque essa é a instituição do Ministério da Cultura que trata de assuntos ligados a etnias negras no país. E, principalmente, depois da gravação do comercial do chiclete Adam's, nas dunas da Redinha. Dezenas de negros participaram da filmagem e atraíram a atenção dos integrantes da Fundação Palmares.

Basicamente, o documentário vai narrar os costumes de cada comunidade, cantos, ordem social, suas tradições e o tipo de relacionamento entre a comunidade negra e o restante da sociedade. As filmagens devem se iniciar entre os meses de junho e julho para ser exibida no mês de novembro durante as comemorações do movimento negro no Brasil. O orçamento do projeto está em torno de CR\$ 2,5 milhões.

"Caso o Ministério da Cultura não aprove o projeto da forma como está, é intenção da FJA bancar o programa mesmo que seja em apenas uma ou duas comunidades", salientou Iapery Araújo.

Para o presidente da FJA, a realização deste documentário representa o resgate de um povo que ainda preserva suas características e pode até suscitar o interesse de outros organismos internacionais voltados para estudo de etnias negras pelo mundo e levar a realização de um trabalho bem mais elaborado.

COMUNICADO HIPERCARD

A partir de 15 de março de 1994, as transações com o cartão HiperCard serão efetuadas em URV.

PORTADORES DE CARTÃO:

- Compre no Cartão com preço à vista.
- O valor será convertido pela URV do dia da compra.
- O pagamento será feito em URV convertido no dia do pagamento do Cartão.

LOJISTAS:

- Aceite o Cartão pelo preço à vista.
- Emita o comprovante em URV com o valor do dia da venda.
- O reembolso será feito em URV do dia do pagamento.

HiperCard

Emerson Amaral

MINERAÇÃO MINERAÇÃO MINERAÇÃO MINERAÇÃO MINERAÇÃO MINERAÇÃO MINERAÇÃO

Granito é esperança de redenção do RN

MARGARETH GRILLO

Uma nova era no ciclo da mineração começa a desabrochar no Rio Grande do Norte com perspectivas de fomentar o mercado de trabalho e o setor produtivo do semi-árido, região castigada pela seca. O carro-chefe desta nova fase da mineração é a exploração de granito, mármore e travertinos (calcário ornamental) e seu beneficiamento para utilização na indústria de construção civil como material de revestimento, acabamento e de decoração.

O boom na atividade de extrativismo mineral no Estado deu os primeiros sinais há pelo menos dois anos, quando foi deflagrada uma verdadeira corrida em direção à pesquisa, que é o primeiro passo rumo ao beneficiamento e comercialização de minérios. Na época, empresários da construção civil e agropecuaristas, estes desiludidos com a criação e agricultura, resolveram investir na atividade e começaram a "abrir o olho" para evitar que a extração mineral seja dominada por grupos de fora do Estado, principalmente do Ceará que hoje é o 1º. do Nordeste em extrativismo mineral.

O crescimento começou a ser notado em 1991, quando o Departamento Nacional de Produção Mineral, órgão gerenciador da exploração mineral, ligado ao Ministério das Minas e Energia registrou uma elevação

em torno de 600% nos requerimentos de pesquisa. Os levantamentos do DNPM mostram que em 1991 deram entrada no órgão apenas 7 pedidos de pesquisa. No ano seguinte, o volume de requerimentos chegou a 41, registrando um aumento superior a 600%. De 1992 para 1993 o aumento chegou a 300%.

O DNPM recebeu de 1988 até o final de fevereiro, 252 requerimentos de pesquisa, destes 15% vieram de fora do Estado. A presença de empresas de Pernambuco, Ceará e Paraíba em pesquisas do RN vem aumentando. Dos 39 alvarás expedidos até agora, 11 foram para empresas de outros Estados nordestinos, o que representa 30% do total. Isso preocupa os empresários locais que decidiram atuar no setor de mineração.

Há cerca de três anos, o proprietário da Mineração Serra de Flores, Luiz Fernando de Melo teve que disputar a exploração de granito para fins de pesquisa com um grupo cearense. "Se nós não tivéssemos dado entrada no processo de requerimento, logo que percebemos a existência de granito, teríamos perdido tudo para a Granos do Ceará uma das maiores empresas de mineração do Mundo", disse Sérgio Lamas de Melo. Dois dias depois, a Granos também apresentou pedido de requerimento. Chegou tarde demais e não teve sucesso.

Afonso Bezerra é a estrela da nova era

A unidade de produção da Mineração Serra de Flores, em Afonso Bezerra, foi instalada há dois meses e está produzindo 600 metros quadrados de piso e 100 metros cúbicos de blocos por mês. Esta semana serão instalados na unidade dois teares simples para produção de chapas de granito o que deverá impulsionar a mineração que hoje já emprega cerca de 30 pessoas que trabalham diariamente.

"Enquanto muita gente ficava desempregada por causa da seca, aqui na fazenda todo mundo estava trabalhando. Eu sou um entusiasta dessa atividade, acho que ela será a alternativa do semi-árido", disse o agropecuarista, Luiz Sérgio Lamas de Melo, um dos proprietários da Mineração.

A empresa, segundo ele, abrange hoje em diversos municípios do Estado mais de quinze jazidas de granito das quais duas estão em exploração. Entre as variedades de granito da Mineração, destacam-se o Vermelho Flores, o Jacarandá (vermelho rajado de preto), o carcará, o campo florido (verde rosa), branco gelo, (o verde canoé, o ouro antigo, o madre pérola e o travertino).

Todas estas variedades com

excelente aceitação no mercado. O granito pela sua diversidade, excelente padrão estético decorativo e de cromaticidade vem ganhando a preferência não só do mercado nacional como internacional. O Travertino, por exemplo, já foi introduzido no mercado europeu. O produto da Serra de Flores está chegando a diversas marmorarias da cidade e é comercializado também na Agrocenter, de propriedade de Luiz Sérgio.

O custo de beneficiamento do granito é alto, por ele ser um mineral nobre. O corte é feito com serra diamantada. "Estamos investindo com cautela, vendendo e reinvestindo, não tem sido um negócio fácil", disse. Todo material que é utilizado na construção civil do Estado chega hoje de Cachoeiro do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, distante mais de 3 mil quilômetros do RN. Com a consolidação da exploração de granito e seu beneficiamento no Estado o preço final pode ser reduzido em mais de 25%, segundo o agropecuarista.

Ao contrário da agricultura e da pecuária, atividades sacrificadas devido à ação da seca no semi-árido, a extração mineral não depende de chuvas para pro-

gredir. Se houver uma política integrada de apoio à mineração a atividade que tem uma safra garantida durante os 12 meses do ano tem tudo para deslanchar, acredita o agropecuarista Luiz Sérgio Lamas de Melo, filho de um dos pioneiros no setor de extrativismo mineral, o empresário Luiz Fernando de Melo.

Apesar do boom já verificado o Estado não tem, até o momento, nenhuma empresa legalmente habilitada a extrair granito para comercialização. O que tem são empresas desenvolvendo pesquisas e com guias de autorização para extração de blocos para testes e análises. Como os custos das pesquisas são elevados, a legislação brasileira permite que de posse deste guia o pesquisador comercialize o material para custear as pesquisas.

A comercialização em larga escala é vedada até que o pesquisador obtenha do Departamento Nacional de Produção Mineral a portaria de lavra que é expedida somente após a conclusão da pesquisa e apresentação de relatório final, e se este for aprovado pelo DNPM. O prazo de pesquisa é de no máximo três anos.

Como a pesquisa do granito ainda é coisa recente não há dados de quantificação e qualificação deste minério no Rio Grande do Norte. Sabe-se que 65% do território do Estado é formado por rochas cristalinas, formando um verdadeiro celeiro de rochas ornamentais. "O nosso granito não deve nada em termos de qualidade ao do Ceará e Paraíba", disse o diretor de Recursos Minerais, da Companhia de Desenvolvimento Mineral, Aldemir Pereira de Aguiar.

As pesquisas para que seja feita esta quantificação estão começando pelas mãos da iniciativa privada, em grande parte. Mas é um processo moroso e deve demorar algum tempo ainda para se saber qual a reserva do Estado. O potencial de reservas do Estado é um dos mais diversificados do Nordeste que é riquíssimo em rochas ornamentais. Entre os minérios do RN apenas 12 substâncias têm reservas quantificadas no DNPM, entre as quais o ferro, o ouro, a scheelita, o calcário e o mármore.

Sérgio Lamas mostra placa de granito retirada de sua jazida na Serra de Flores no município de Afonso Bezerra

"Enquanto muita gente ficava desempregada por causa da seca, aqui na fazenda todo mundo estava trabalhando"

Luís Sérgio Lamas de Melo

TAXISTAS

VENHA À PONTANEGRA E ADQUIRA O SEU TÁXI ZERINHO, ISENTO DO IPI

O Governo deu o sinal verde e a Pontanegra Automóveis abre suas portas para todos os taxistas interessados em adquirir um FIAT zerinho, isento do IPI. Venha nos visitar a partir de amanhã, regularizando a documentação para ter direito a um táxi zero quilômetro da marca FIAT, no modelo que você desejar. Além da isenção do IPI, as facilidades de pagamento que só a Pontanegra pode oferecer.

Pontanegra

Automóveis

AQUI VOCÊ TEM O MELHOR

ESTRADA DE PONTANEGRA